

MERCADO DE TRABALHO

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior*

RESUMO

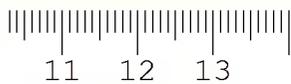
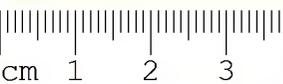
Duas pesquisas realizadas em São Paulo, uma em 1980, permitiram levantar alguns questionamentos e analisar em projeção o que o bibliotecário enfrenta a partir dos itens emprego e salário; outra, realizada em 1982, um estudo de caso, com alunos formados em 1981, apresenta dados sobre salários pagos a profissionais da área em vários Estados. Em cima desses dados, pretende-se discutir a situação de mercado de trabalho e salário do profissional Bibliotecário.

SUMMARY

Two research studies were held in São Paulo; one of them in 1980, lead to some questions and to a deep analysi of what the librarian faces, beginning

Acho que vou falar sobre algo que não interessa muito ao profissional bibliotecário. E não interessa porque nas análises como se verá que se seguem, para o Bibliotecário, tudo está perfeito, certo, corretíssimo. Não interessa porque o Bibliotecário pretende usufruir um *status* onde não é adequada a luta por melhores salários, por melhores condições de trabalho, por mais emprego. "Roupa suja se lava em casa" é o que ouvimos normalmente. "É importante que nossos problemas não ultrapassem as fronteiras da profissão: o Bibliotecário é aquele que trabalha com a cultura, com o conhecimento humano". Ele está acima das intempéries que afligem outras classes, outros profissio-

* Presidente da Associação Paulista de Bibliotecário. Bibliotecário da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.



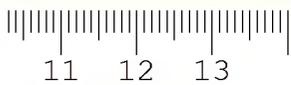
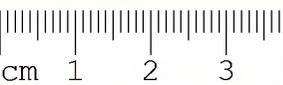
MERCADO DE TRABALHO

with employment and salary; another one, which took place in 1982, a case study, with students graduated in 1981, presents data on the salaries paid to professionals of this area in several states. Based upon these data, we intend to discuss the job market situation as well as the salary of the professional librarian.

nais. Em suma, quero crer que o que se ouviu pode ser resumido em: "Ser bibliotecário é algo mais como, padecer no paraíso".

O nosso tema é "Mercado de Trabalho". A experiência que todos nós temos em Cursos, Palestras, Encontros, Congressos, etc., nos aponta que, invariavelmente, itens como: O Mercado de Trabalho, o Salário recebido pelos profissionais, as condições de trabalho, quando lembrados, o que é raro, são colocados à parte, são relegados à um plano secundário. Partindo do pressuposto de que o problema existe, duas razões para a não discussão, para o não debate, são facilmente identificáveis:

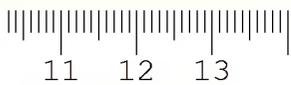
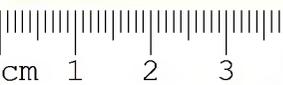
- 1) Os representantes da classe, aqueles que dirigem os rumos e destinos da classe, não estão interessados em levar em luta nesse campo. Normalmente, procuram esconder uma realidade clara, onipresente.
- 2) O segundo item são os próprios Bibliotecários. Realmente, nossos profissionais são apáticos, não exigem, não reivindicam nada. Acomodados, estão satisfeitos. A APBESP – Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado de São Paulo – promoveu vários encontros, várias palestras. Os temas referiam-se, normalmente, a Salário, Mercado de Trabalho, etc. Foram feitos debates e discussões sobre o tema. Para uma das palestras, inclusive, convidamos um representante do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Eco-



nômicos. A participação dos Bibliotecários foi pequena.

Quando acontecem discussões sobre os problemas enfrentados pelos Bibliotecários quando atuando profissionalmente, recai-se, invariavelmente, na Formação. As soluções, infere-se, estão restritas à modificação do currículo das Escolas de Biblioteconomia e ao acréscimo de mais um ano na duração do curso. Esses dois pontos foram "sanados". A partir de 1984, o curso de Biblioteconomia será obrigatoriamente de 4 anos. O currículo mínimo foi alterado, O estágio obrigatório, corresponderá a 10% do total da carga horária. Todos os problemas da classe serão resolvidos? É óbvio que não. Quando isso ficar claro e evidente, voltaremos a questionar o ensino. As críticas recairão sobre erros na formulação do novo currículo, sobre o despreparo dos professores, sobre a falta de Bibliotecas-Laboratório, etc. E por que? Porque os problemas do profissional Bibliotecário não serão sanados somente com essas alterações e, dessa forma, teremos que procurar um novo, ou o mesmo, culpado. Eu não estou dizendo que o curso de Biblioteconomia é maravilhoso. Não estou dizendo que as Escolas são bem equipadas e que todos os professores possuem uma formação ótima e estão totalmente preparados para ministrarem um curso decente. Não estou dizendo que os alunos possuem um nível excepcional. Não estou dizendo que o currículo está perfeito e que existe uma total adequação entre ele e as exigências do Mercado de Trabalho. Não estou dizendo que o

ensino, que a formação do Bibliotecário não tem parcela (e grande) de culpa nos problemas enfrentados pelos profissionais. Não, o que eu tento mostrar é que, comodamente, o Bibliotecário procura se excluir, procura se colicar à parte das causas dos problemas que enfrenta. Na medida em que se joga a culpa de tudo sobre o ensino, ele, Bibliotecário, se exclui pois, enquanto aluno, não "pode" interferir no curso. Logo, ele não é responsável pelo despreparo dos profissionais. Se atentarmos devidamente para o que ouvimos, a gente vai reparar que dificilmente alguém diz: "Eu não fui ou não estou preparado para exercer a profissão" ou "Nós, alunos do tal ano de tal Faculdade possuímos um nível muito baixo". O que se ouve é: "A classe onde estudei tinha um nível baixíssimo". Veja, a classe, não eu. Numa pesquisa feita com os profissionais Bibliotecários de Belo Horizonte, publicada na Revista de Biblioteconomia de Brasília, no item sobre as dificuldades encontradas pelos Bibliotecários no desempenho de suas atividades, 58,2% das respostas apontaram a insuficiência de recursos materiais e as instalações deficientes como causas dessas dificuldades. "Outras dificuldades apontadas foram a administração superior deficiente, desconhecimento da área de especialização, excesso de demanda ou informação, desinteresse do usuário, desconhecimento de línguas, pessoal técnico desatualizado e administração da Biblioteca deficiente. Apenas 1,7% dos Bibliotecários apontaram o despreparo profissional como uma dificuldade signi-



ficativa". Vejam, o Bibliotecário, enquanto indivíduo, nunca se acha despreparado.

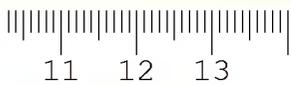
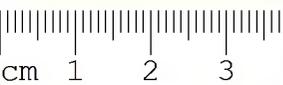
Voltando ao que dizia anteriormente, o profissional de nossa categoria sempre coloca a culpa dos problemas da classe em algo, em alguma coisa que não ele mesmo. O caso, por exemplo, das Associações: o que se diz comumente é que elas nada fazem pelos associados. Assim sendo, poucos se filiam e mesmo entre os que o fazem, poucos pagam regularmente suas anuidades, e um mínimo deles participam das atividades das Associações. A APB é um exemplo. Há pouco, ela soltou um comunicado onde se aventa a possibilidade inclusive de encerrar suas atividades, principalmente porque o número de pessoas que pagaram suas anuidades em 1983 foi baixo. Dessa forma, ela encontra enormes dificuldades e se desgasta apenas tentando se manter. Para quem não conhece, não sabe ou mesmo não acredita nos trabalhos das Associações, nada melhor do que participar desses trabalhos. Participando, nós podemos, de forma consciente, tecer críticas ou assumir e nos engajar em atividades condizentes e coerentes com nossas idéias.

Falamos até agora sobre "problemas" que o profissional Bibliotecário enfrenta. Problemas de um modo amplo. Vamos especificar e analisar um deles: o Mercado de Trabalho. Como está o Mercado de Trabalho do Bibliotecário? A demanda é maior que a procura ou é maior que a demanda? Existem muitos profissionais desempregados?

Embora muitos digam o contrário,

parece claro que existem mais Bibliotecários que empregos. A demanda por Bibliotecários é menor do que a quantidade de profissionais lançados ao Mercado pelas Escolas de Biblioteconomia.

O problema da falta de emprego não é privilégio nosso. O Sindicato dos Engenheiros, por exemplo, há algum tempo atrás, calculava o número de profissionais daquela categoria desempregados ou atuando em outra profissão, no Estado de São Paulo, em aproximadamente 10.000. São 10.000 engenheiros desempregados ou atuando em outro campo só no Estado de São Paulo. Isso antes do aprofundamento da crise econômica que atravessamos. Eles não ficaram envergonhados ou constrangidos em apresentar por toda a sociedade o problema. Isso porque só se resolve uma situação quando ela é conhecida, questionada e debatida. Em nada diminuiu a visão que se tem desse profissional, pelo fato de, agora, sabermos da quantidade de desempregados nela existentes. Pelo contrário, acho que uma profissão deve ser respeitada quando procura solucionar seus problemas. Num programa sobre profissões, apresentado pela TV Cultura, ficam explícitas as desavenças internas, os problemas que várias categorias enfrentam. Quando foi focalizada a nossa profissão, ficou evidente o problema do estágio. Por que? Quer me parecer que o aluno tem pouca, ou quase nenhuma possibilidade de expressar o que realmente o preocupa. Ele não tem canais de contato com os profissionais. Não existe um vínculo maior entre eles e aqueles que já



se formaram. Os estudantes não sabem, em sua grande maioria, o que os esperam após o término do curso. Então, nada mais natural que utilizar aquele programa para solicitar aos profissionais, que tenham respeito e consideração para com seus problemas (deles estudantes). Sabemos que os estágios são, normalmente, mal dirigidos e os estagiários, aturados simplesmente. Eles são vistos como aqueles que só atrapalham, aqueles que não produzem e, por isso, devem fazer aqueles serviços que nenhum profissional quer fazer.

Durante o programa, não falamos sobre a falta de empregos, sobre o baixo salário que recebemos. Ficamos com medo de tocar em pontos que poderiam depreciar o Bibliotecário. Mas vejamos: possuímos, hoje, 10 Escolas de Biblioteconomia em todo o Estado. O número de formados lançado à cata de emprego por ano é enorme. É hora de bloquearmos a proliferação dessas Faculdades. Agora, quem sabe dessa situação? Apenas os Bibliotecários. Que grau de pressão podemos exercer sobre o governo, sobre o Conselho Federal e Estadual de Educação, sobre as autoridades competentes se o assunto é discutido e conhecido apenas entre nós? Por outro lado, os empresários, os patrões, além dos Bibliotecários, também sabem do problema. Sabem, não por interesse em conhecer a classe ou porque divulgamos nossos problemas — eles sabem porque, quando abrem uma vaga em suas empresas, o número de profissionais que se candidatam a ela é grande. Quando o salário para essa vaga está em aberto

e cada um dos candidatos apresenta sua proposta, o disparate entre elas é enorme. Como prova disso, vamos verificar 2 tabelas salariais, obviamente a título normais, ou seja, apenas como recomendação. Uma delas foi apresentada pela Associação de Bibliotecários do Paraná e publicada na circular 7/8, de julho/agosto de 1982 da Associação Paulista de Bibliotecários (APB). A outra, elaborada pela Associação Rio-Grandense, resolução n. 1/82, foi publicada no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, caderno Indústria e Comércio, de 13 de julho de 1982. Atualizando algumas sugestões de salários ficariam:

Por exemplo:

- salário/hora: numa das tabelas — Cr\$ 2.101,95 aproximadamente.
- na outra: Cr\$ 4.694,76 aproximadamente.

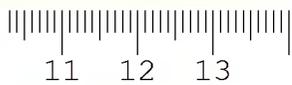
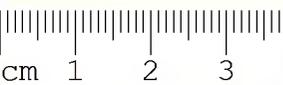
Outro exemplo:

- “levantamento bibliográfico por ano e por parte consultada, até um limite de 10 referências” (texto semelhante às 2 tabelas)
- numa das tabelas: Cr\$ 1.104,07 aproximadamente
- na outra: Cr\$ 6.259,68 aproximadamente

referências adicionais:

- numa das tabelas: Cr\$ 72,45
- na outra: Cr\$ 1.738,80

Um trabalho de levantamento bibliográfico onde se consultasse um ano de uma fonte bibliográfica e arrolássemos, por exemplo, 50 referências, cobraríamos,



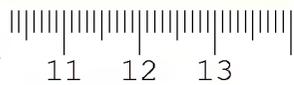
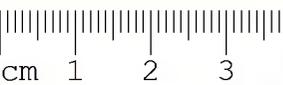
seguinto uma das tabelas: Cr\$ 4.002,07 e, seguindo a outra: Cr\$ 75.811,68. a 1a. cobra apenas quase 20 vezes menos que a 2a.

Os Conselhos Regionais foram proibidos de elaborar ou divulgar tabelas salariais para orientar seus filiados. As Associações apenas podem fazê-lo em caráter normativo, ou seja, apenas como sugestão. Qual a solução para evitar essas tabelas discrepantes? Apenas um Sindicato tem condições de orientar os profissionais através de uma tabela salarial única e legal, na medida em que ele pode solicitar ou exigir se for o caso, um piso salarial para a classe. Infelizmente, até hoje, passados 21 anos do reconhecimento da nossa profissão, não possuímos Sindicato em nenhum dos Estados. É triste, mas real. Há 4 anos e meio, a APBESP luta para criar um Sindicato, o primeiro do Brasil, aqui em São Paulo. o trabalho foi lento, nossa gente espera concretizar esse objetivo até, no máximo, o próximo ano. Com a concretização do Sindicato, nada estará resolvido, mas teremos respaldo, principalmente legal, para iniciarmos e exigirmos soluções para muitos dos nossos problemas.

Voltando ao problema, uma pergunta se faz necessária: O Bibliotecário tem um nível salarial condizente com suas funções, ou melhor, condizente com seu desempenho? Quanto ganha o Bibliotecário?

Eu gostaria de apresentar o resultado de duas pesquisas efetuadas aqui em São Paulo. A primeira, promovida pela APBESP, possuía como objetivo princi-

pal, conhecer o profissional Bibliotecário do Estado. Os testes foram enviados e recebidos durante o 1º trimestre de 1980. Alguns dos resultados: o Bibliotecário do Estado de São Paulo é jovem: 57% possuem até 30 anos e 77% até 35 anos. 92% são do sexo feminino; o número de solteiros e casados só equivalem 47% se formaram pela Fundação Escola de Sociologia e política de São Paulo; 6% cursavam outra Faculdade após o término do curso de Biblioteconomia; 19% cursavam algum curso de especialização, extensão universitária ou pós-graduação na área; 8% trabalhavam na área e fora dela; 5% trabalhavam exclusivamente fora da área de Biblioteconomia; 60% trabalhavam 40 horas semanais; 86% percebiam menos que Cr\$ 22.000,00, sendo que a maior proporção estava entre Cr\$ 14.000,00 à Cr\$ 18.000,00. Atualizados, seguindo os índices do INPC, esses salários corresponderiam hoje à aproximadamente, Cr\$ 150.000,00 à Cr\$ 190.000,00, o que daria uma média salarial de aproximadamente: Cr\$ 170.000,00. Embora recebendo esse salário, 62% achavam seu salário entre regular e ótimo. Apenas 17% acharam seu salário muito ruim. É bom lembrar que 10% dos questionados recebiam entre Cr\$ 6.000,00 e Cr\$ 8.000,00, o que equivale hoje à Cr\$ 65.000 à Cr\$ 87.000. Estranha essa postura do profissional face a seu salário? Nem tanto, Parece-nos que ela não é apenas uma característica do Bibliotecário Paulista. Vejamos: na pesquisa realizada em Belo Horizonte, e que já mencionei no início desta exposição encontramos, na análise



dos resultados, o seguinte texto:

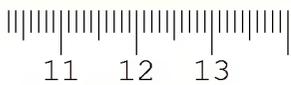
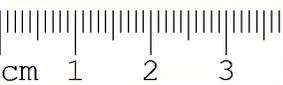
“Observa-se que há uma relativa satisfação com o salário recebido, uma vez que a expectativa salarial é pouco mais que o salário recebido. 66,0% dos profissionais são remunerados na faixa entre 3 a 9 salários mínimos e 65% desses profissionais consideraram que a faixa salarial para o bibliotecário deveria ser entre 6 e 12 salários mínimos. Daí se conclui que o Bibliotecário não é ambicioso; pelo contrário, ele tem uma atitude passiva diante da realidade profissional.”

Outro trecho na análise dos resultados dessa mesma pesquisa, vem corroborar com a hipótese. O texto é o seguinte: “A boa remuneração, o prestígio a importância social, e um futuro estável e seguro não são condições significativas (6,6%) de satisfação profissional.”

A 2a. pesquisa foi efetuada em outubro do ano passado e sairá na íntegra no número 4 da Palavra-Chave. Na verdade, trata-se de um estudo de “caso”. Foram contatadas todas as alunas que formaram o 3º ano A, do Curso de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e que se formaram no final do ano de 1981. Após 10 meses de formadas, procuramos saber qual a situação delas quanto a emprego, salário, etc. Vejam bem: 10 meses após a conclusão do curso, apenas 35,71% das ex-alunas, conseguiram emprego como Bibliotecárias. Apenas 35,71%, enquanto 60,72%, quase 61% delas, não atuavam como profes-

sionais. Uma das entrevistadas conseguiu uma vaga como Professora de Biblioteconomia e Arquivística em um curso de Secretariado, nível Colegial ou, como queiram, 2º grau. Esse campo de atuação não é muito procurado pelos profissionais Bibliotecários. Não existe muito interesse por essa área. Dessa forma, em muitas escolas, o curso é ministrado por professores que desconhecem completamente o assunto, acarretando assim, o fornecimento de informações errôneas, além de transmitirem uma imagem falsa, inverídica e deturpada de nós, profissionais Bibliotecários, e de nossa profissão.

Voltando à pesquisa: dos 35% das alunas que atuavam como profissionais, apenas 30% delas, o que corresponde 10,72% do total, conseguiram seus empregos imediatamente após a conclusão do curso. Traduzindo isso: o total de pessoas entrevistadas foi de 28. Dessas, apenas 10 estavam empregadas como Bibliotecárias e, dessas 10, apenas 3 conseguiram o emprego de forma imediata. Das 28, apenas 8 estavam empregadas após 6 meses de formadas e apenas 10 delas exerciam a profissão após 10 meses da conclusão do curso. Nesse ritmo, 1 emprego ao mês, somente após 2 anos e 4 meses, esse grupo de alunas será absorvido pelo Mercado de Trabalho. Isso, caso não aconteçam, como diria o Delfim, intempéries não manipuláveis (por nós Bibliotecários, é claro) como o agravamento (se é que seja possível) da crise econômica, quantidade excessiva de novos profissionais lançados ao mercado



pelos Escolas, o que levaria, fatalmente, a uma desindexação e a um expurgo do mercado de trabalho para as pesquisadoras.

Dentre as quais não atuavam como Bibliotecárias, 33,33% estavam empregadas como auxiliares. Esse número é significativo, na medida em que temos um grande percentual de profissionais oferecendo sua força de trabalho especializada (em parte, é claro) e recebendo como auxiliares. O pior, todos nós sabemos, é que muitas empresas, conhecedoras do fato, aproveitam esses funcionários na execução de tarefas que não lhes competem, evitando assim, a contratação de profissionais. A permanência dessas pessoas nesses cargos, pode ser explicada por várias maneiras, sendo que as principais seriam: o escasso mercado de trabalho, a expectativa de uma oportunidade na própria empresa e o baixo salário oferecido aos Bibliotecários.

Voltando aos dados da pesquisa, agora abordando os salários, eu gostaria de, rapidamente, apresentar as respostas obtidas:

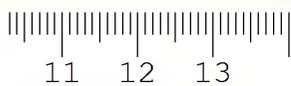
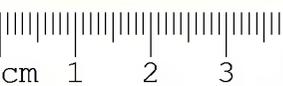
Não quis responder	— 1
4h — 35.000,00	— 1
6h — 40.000,00	— 1
8h — 44.000,00	— 2
8h — 50.000,00	— 1
8h — 70.000,00	— 1
8h — 80.000,00	— 1
8h — 90.174,00	— 2

Total 10

O menor salário pago, proporcionalmente, ou seja, Cr\$ 44.000 por 8 horas

diárias de trabalho, equivaliam a menos que 2 salários mínimos vigentes. Considerando que a faixa imediatamente superior percebida pouco mais que 2 salários mínimos, podemos afirmar que, aproximadamente, 45% das entrevistadas recebiam em torno de 2 salários mínimos, o que, atualizados, dariam hoje, menos que Cr\$ 70.000,00.

No cômputo geral, nós temos que os salários eram inferiores à 4 salários mínimos vigentes na época o que é, na melhor das hipóteses, um absurdo. Poderíamos levantar o fato de já se terem passados 8 meses da pesquisa. No entanto, esse tempo de nada pode ter alterado, de forma substancial, os salários apresentados. Em primeiro lugar, é bom que se lembre, a correção semestral dos salários é exatamente isso, uma "correção" e não um aumento. A nova política salarial, com todas as suas constantes alterações, nada mais é que uma fórmula para evitar as greves e permitir às empresas a manutenção, através de uma roupagem liberal, do arrocho sobre os salários. Semestralmente os salários são corrigidos, ou seja, aplica-se sobre ele um índice, chamado INPC — Índice Nacional de Preços ao Consumidor — que nada mais é que a média dos Índices de Custo de Vida de 10 capitais do Brasil. Isso significa que o salário é acrescido de uma estranha média de aumento de custo de vida, teoricamente nacional. O "aumento" é dado (como se fosse uma benesse caída dos céus) uma vez por ano, na época do dissídio coletivo, a partir de outra estranha figura chamada Índice de Produtividade. Essa



produtividade deve ser medida pelo aumento da produção em um determinado período, em comparação a um período idêntico anterior, sem que o quadro de pessoal fosse aumentado. O Índice é estipulado, negociando e acrescido ao salário. Esses índices são irrisórios, mal atingindo 5%. Outro fator importante é a rotatividade de mão de obra, ou seja, a demissão de um funcionário, às vésperas do dissídio coletivo e a contatação de outro com salário menor ou idêntico. Todos sabem que o reajuste salarial é feito proporcionalmente aos meses trabalhados pelo funcionário (quando não se trata de salário mínimo). Ou seja, quem trabalhou na mesma empresa, os 6 meses que antecedem ao reajuste, o recebe integralmente. Quem trabalhou 5 meses recebe 5/6 deles, quem trabalhou 4 meses, 4/6, etc. Quando a empresa demite um funcionário 2 meses antes da data base do reajuste e contrata outro com igual salário, ela reajustará o salário do novo funcionário, apenas 2/6 e lucra então 4/6.

Eu apresentei os salários recebidos por aqueles que atuavam como Bibliotecários. Seria interessante, então, vermos o salário pago àqueles que estavam empregados como auxiliares. A tabela das respostas foi a seguinte:

sem resposta	— 2
6h	— 30.000,00 — 1
4h	— 75.000,00 — 1
8h	— 80.000,00 — 1
6h	— 92.000,00 — 1

Total	6
-------	---

Eu gostaria de lembrar, antes de analisarmos estas respostas e confrontá-las com a tabela anterior, que alguns dados foram checados e confirmados. Dessa forma, acreditamos que não irão pairar dúvidas sobre a veracidade das respostas.

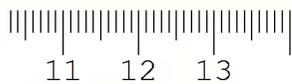
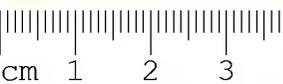
Na comparação entre as tabelas, o maior salário pago não é para uma Bibliotecária, mas sim para uma auxiliar de Biblioteca. O maior salário pago entre o grupo que exercia a profissão era de Cr\$ 90.174,00 por 8 horas diárias, enquanto o maior salário pago entre os auxiliares era de Cr\$ 92.000,00 por 6 horas diárias. Proporcionalmente, dentro do grupo analisado, pagava-se melhor ao auxiliar do que ao Bibliotecário.

Quando solicitadas a opinarem sobre a situação salarial do Bibliotecário, as pesquisadas responderam da seguinte forma:

as Bibliotecárias inicialmente:

Baixíssimo, Horrível, Ruim, Baixo, Pobre, Pouco, Um pouco baixo, Pouco razoável.

As repostas foram anotadas exatamente como fornecidas. Se atentarmos para as respostas, notaremos que os termos que realmente demonstram um grande descontentamento com o salário, vejam, um grande descontentamento, foram: Baixíssimo e Horrível, que correspondem a 20% do total de opiniões. Lembrando que 45% percebiam em torno de 2 salários mínimos, concluímos que, mesmo assim, não existia consciência de que o salário pago era péssimo e não condizente ao trabalho e a uma profissão universitária. Quanto à parcela ainda (sejam os otimistas) não Bibliotecária, as opiniões



foram mais contundentes:

Péssimo, Ruim, Razoável, Muito Baixo, Não muito bem pago, Baixo, Catastrófico, Muito mal.

Neste caso, os termos demonstram um grande descontentamento com o salário: Péssimo, Muito Baixo, Catastrófico e Muito mal, representam 60% do total de opiniões.

Se o salário não está bom, para usar um termo médio das opiniões, porque não buscar apoio de outros Bibliotecários ou, e principalmente, as Associações, e exigir delas uma atitude, obviamente participando dos trabalhos que se criarem com esse fim? Perguntamos então às ex-alunas, se estavam filiadas a alguma Associação. Do grupo das Bibliotecárias que atuavam como tais, apenas uma, uma única era associada à APB. Do grupo que não exercia a profissão, apenas 2: uma à APB e outra à APBESP. Confirma-se então, o que facilmente se observa nas Associações: o Bibliotecário não participa, nem mesmo se filiando. É bom notar que a pergunta restringiu-se apenas à filiação. Se nesse caso o número de respostas foi inexpressivo, quase nulo, o que podemos esperar de uma participação efetiva?

Voltando às perguntas, solicitamos opiniões sobre o Mercado de Trabalho para o Bibliotecário. As respostas foram as seguintes: para as Bibliotecárias (e convem lembrar que estou utilizando os termos Bibliotecárias e não Bibliotecários apenas como referencial. Não pretendo entrar na discussão sobre o fato de Bibliotecário ser

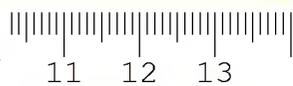
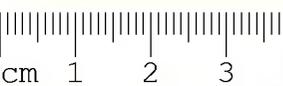
aquele que concluiu o curso ou aquele que trabalha como tal. Apenas uma curiosidade: quando formado, a pessoa recebe o título de Bacharel em Biblioteconomia, registra-se no CRB e possui uma carteira de identidade profissional, atestando, dessa forma, ser ela uma Bibliotecária. No entanto, legalmente, não estando exercendo a profissão, não pode ela se filiar a uma Associação Profissional e nem mesmo a um Sindicato. Em suma ela é e não é Bibliotecária). Mas, retornando às opiniões sobre o Mercado de Trabalho, as Bibliotecárias assim responderam:

Ruim, Difícil, Regular, Pouco valorizado, Péssimo, Razoável, Não está muito ruim.

as opiniões das não Bibliotecárias foram estas: Ruim, Não está bom, Mais ou menos, difícil, razoável, melhorando, difícil encontrar emprego, regular, péssimo, muito restrito.

Agora eu pergunto: após 10 meses de formadas, não encontrando emprego na área, como é possível que praticamente 40% das opiniões sobre o Mercado de Trabalho sejam do tipo: mais ou menos, razoável, melhorando, regular? Passividade, acomodação, inconsciência, não necessidade de emprego?

Emir José Suaiden, num artigo sobre Mercado de Trabalho publicado na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação de julho/dezembro de 1981, utiliza um trecho de um artigo de Murilo Bastos Cunha que diz: "uma profissão existe, porque existe uma necessidade social a ser cumprida e, ao acentuar esta necessidade — seja pela divisão de

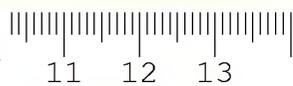


trabalho, seja pelo tipo de organização sócio-econômica — a sociedade devolve à profissão) através da elevação do *status* ou do nível salarial) o seu reconhecimento pelo preenchimento de uma lacuna. É do conhecimento de todos que, mercê de lutas incansáveis, a importância do bibliotecário brasileiro vem, nos últimos anos, sendo reconhecida pela sociedade devido a seu importante papel a desempenhar num mundo cada vez mais ávido de resposta às suas necessidades de informação.”

O *status* do bibliotecário não se elevou. O nível salarial não cresceu, pelo contrário, diminuiu. Eu digo que diminuiu, baseado em entrevista que fizemos com Rubens Borba de Moraes e que será reproduzida em um próximo número da Palavra-Chave. Nessa entrevista, Rubens Borba de Moraes conta que, inicialmente, o Salário do Bibliotecário era equivalente a de um professor de 2º grau, o que, na época, era um bom salário. Isso era feito para poder atrair esses professores para a carreira de Bibliotecário. Então: nosso *status* não se elevou nem nosso salário cresceu. Logo: a sociedade não está reconhecendo nossa profissão porque não estamos preenchendo uma lacuna? Ou será que não existe uma necessidade social a ser cumprida? A função social do Bibliotecário é bastante clara para todos nós? Ou discutimos pouco sobre isso? Será que, na medida em que somos mantenedores do *status quo*, de uma situação vigente, na medida em que colaboramos para manter as “classes sociais” nos moldes em que se encontram, será que esta-

mos cumprindo uma missão social? Dizia Antonio Miranda que “a ideologia que motiva nossas bibliotecas é tipicamente da classe média”. Será que a lacuna que deve ser preenchida não estará esquecida pelo Bibliotecário? Não será deixando a passividade e a estagnação de lado, procurando atingir as populações mais carentes, procurando atingir aqueles que não tem acesso a quaisquer informações, que estaremos preenchendo e ocupando essa lacuna? Infelizmente, mesmo sem querer, sou obrigado a contestar o otimismo de Murilo Bastos Cunha ao final de seu texto, onde ele diz “é do conhecimento de todos que, ..., a importância do bibliotecário brasileiro vem, nos últimos anos, sendo reconhecida pela sociedade.” Não me parece ser exatamente essa a realidade. Quero crer que, se esse texto foi escrito em 1977, 5 anos depois alguns resquícios dessa afirmativa já poderiam ser vislumbrados. Acho que a luta que se trava hoje é entre os Bibliotecários, para que a própria classe comece a se reconhecer como importante. O que acontece é que o próprio Bibliotecário se menospreza e se inferioriza quando se compara com outros profissionais. Acho que estamos numa profissão com complexo de inferioridade. Talvez a terapia do joelho do Analista de Bagé surta algum efeito. Diz Rogers que o se aceitar como se é, o gostar de si mesmo, é o ponto principal para o início das transformações. Acho que é isso que a Biblioteconomia está precisando.

Voltando ao joelho, quer dizer, ao Mercado de Trabalho, no mesmo artigo,



publicado em 1981 é bom lembrar, Emir José Suaiden, timidamente, diz que: "Em termos quantitativos, o número de profissionais na área de Biblioteconomia, vem aumentando sensivelmente, através das escolas a nível de graduação e pós-graduação. No entanto, o mercado, atualmente, não tem condições de absorver uma parte ponderável desses profissionais que acabam se frustrando com a profissão". Quase ao final, o autor complementa: "Atualmente, mesmo em Brasília, onde o campo de trabalho para o Bibliotecário sempre foi um dos melhores do país, a situação não é boa, inclusive com dezenas de bibliotecários desempregados". Como principais fatores para o desemprego, o autor cita os seguintes:

1º — a atual situação econômica do país.

2º — o decreto n. 84.817, datado de 18/6/80, que proíbe a contratação de pessoal para o serviço público e das empresas vinculadas.

3º — a falta de concurso pelo DASP.

4º — o posicionamento do poder legislativo ao realizar concurso para técnico legislativo (área de pesquisa legislativa) e não especificamente para bibliotecário".

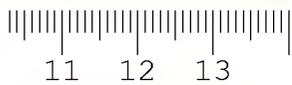
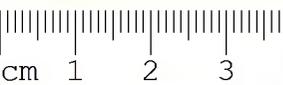
Cita ainda o fato de que "alguns profissionais passaram a ver a interiorização como uma boa alternativa para resolver o problema."

As razões me parecem poucas: eu gostaria de citar outras, talvez mais importantes que as apresentadas.

— O grande número de profissionais lançados anualmente à procura de

emprego, pela enorme quantidade de Escolas de Biblioteconomia espalhadas pelo País. Só no Estado de São Paulo, temos 10 escolas. Na capital, por exemplo, temos 3 Faculdades de Biblioteconomia: a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, a Escola de Comunicações e Artes da USP e a Faculdade Teresa Martin, uma Faculdade isolada que fica no bairro da Freguesia do Ó. Na Grande São Paulo, temos ainda a Faculdade Teresa D'Ávila, em Santo André. Quer me parecer um número excessivo de Faculdades. Como absorver, anualmente, esses novos profissionais? A Prefeitura do Município de São Paulo, quando promove concurso público para Bibliotecário, raro e concorrido, não absorve nem mesmo os alunos formados num único ano, apenas pela Sociologia e Política.

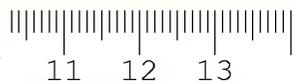
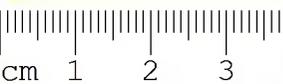
— Outra razão seria o próprio Mercado em potencial. Todo profissional Bibliotecário acredita que existe um Mercado de Trabalho em potencial nas empresas privadas. Eu, por exemplo, como profissional, não só acredito, como tenho absoluta certeza de que ele existe. No entanto, aguardamos, passivamente, que os empresários reconheça, a necessidade de nossos serviços. Dessa forma, nos acomodamos, esperando que o mercado se faça por si só. A necessidade da informação, do trabalho com a informação, a sua manipulação mais rápida, eficaz e segura, já foi sentida pelas empresas. O uso contínuo e crescente do computador, é um exem-



plo disso. No entanto, o campo de trabalho foi aberto apenas para os Analistas, os Programadores, os Operadores, enfim, apenas para aqueles que trabalham diretamente com as "máquinas". É preciso, que, ao invés de esperarmos, como esperamos os usuários em nossas Bibliotecas, a gente comece a demonstrar a necessidade de nossos serviços para as empresas; é preciso que a gente faça os empresários entenderem e se conscientizarem da importância dos serviços do Bibliotecário, principalmente, a nível de assessoria, dentro de sua empresa. Para isso é preciso que os profissionais se encontrem para debaterem, para discutirem o problema. Para isso é necessário que exista uma troca de experiências entre aqueles que já atuam em empresas e dessa forma, com debates e experiências, a gente poderá articular uma forma de atingir o empresário. Sem que a gente saia do imobilismo, esse mercado continuará, *ad eterno*, como potencial.

- (Um parêntesis: Será que a passividade do Bibliotecário não é fruto da passividade das Bibliotecas? Ou será que é o contrário? Será que existe essa relação? Bom, esse é um ponto para uma outra discussão.)
- Como terceira razão eu colocaria o fato de nossa profissão ser predominantemente feminina. Vejamos alguns trechos da pesquisa realizada em Belo Horizonte: "(O) baixo nível salarial pode estar relacionado com o cargo ocupado pelos Bibliotecários

nas instituições onde trabalham, com o baixo nível de expectativa salarial e com o fato de ser uma profissão essencialmente feminina". A baixa expectativa salarial que a pesquisa aponta e, se lembrarmos, a realizada em São Paulo, também, pode ser explicada por várias razões: desde o complexo de inferioridade do Bibliotecário — o que leva o profissional a desvalorizar o seu trabalho, vinculando-o a um salário baixo — até a utilização desse salário. Na pesquisa de Belo Horizonte, concluiu-se que "62,2% dos Bibliotecários utilizam seu salário com sua própria pessoa somente e 34,4% contribuem para a manutenção da família. Dos 62,2% que utilizam o salário com sua pessoa, 46,7% o utilizam apenas para gastos pessoais e 15,5% para manutenção própria." A partir da baixa expectativa salarial, continuam as autoras, "se conclui que o Bibliotecário não é ambicioso; pelo contrário, ele tem uma atitude passiva diante da realidade profissional". Nos comentários finais, nós lemos que "esta passividade pode ser explicada pelo fato de a profissão ser essencialmente feminina e se desenvolver principalmente em instituições, não havendo profissional autônomo". É inegável que na maioria das profissões o salário pago às mulheres é, em grande parte, inferior ao do homem. Esse não é o ideal? Não, não é o ideal, mas, infelizmente, é o real. Não podemos nos esquecer que existem uma série de leis que "protegem" as mulheres: licença



gestante, período de amamentação, necessidade de creche na empresa, etc. Essas leis, necessárias, corretas e importantes, dificultam, em uma boa parte dos casos, a entrada da mulher num determinado emprego. Devemos considerar também o fato que, normalmente, os problemas "da casa", incluindo obviamente os filhos, são resolvidos pela mulher. A empregada faltou? A escolinha não vai funcionar? O filho está doente? Quem fica com a criança? A mulher. A empresa, é lógico, considera, erradamente mas considera, esses fatores. Quando de um confronto direto entre homem e mulher, a empresa pesará os fatores mencionados. Muitos exemplos de mulheres que pleiteavam uma vaga, serem preteridas pelo fato de serem casadas ou simplesmente por serem mulher, todos nós conhecemos. Uma pergunta de múltipla escolha: O *status* de uma profissão essencialmente feminina é: a) Grande, b) Médio, c) Pequeno? A resposta certa fica por conta de cada um.

Dentro da Biblioteconomia um fato é claramente evidenciado: mesmo sendo apenas 1% do total da profissão, a quantidade de homens que atuam nas Associações é grande. Na APBESP, por exemplo, 25% da diretoria é composta por homens. Esse é um fato interessante que mereceria uma análise, obviamente numa próxima vez.

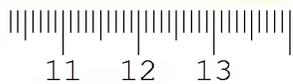
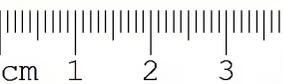
Voltando às razões para a situação do mercado de trabalho:

— Outro item seria o descaso e até me-

nosprezo do governo para com a pesquisa no Brasil. A SBPC chama atenção de todos para a queda nos recursos destinados à ciência e a tecnologia. Em 1979 esses recursos apresentavam 0,6% do PIB-Produto Interno Bruto, caindo para 0,4% em 1982. "As bolsas de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado tiveram em maio um reajuste de 50%, com a promessa de um 2º reajuste, de 45% em setembro. Este aumento, diz SBPC, muito inferior ao da inflação, torna praticamente insustentável a situação dos bolsistas e do próprio Sistema de pós-graduação."

Essa situação atinge a Biblioteca? É evidente que sim. Quantas Bibliotecas sobrevivem com verbas federais de uma maneira decente? Se os recursos à pesquisa científica é pequeno, que dirá aos suportes dessa pesquisa?

— Falta de conscientização do governo como um todo à importância da Biblioteca é outra razão para os problemas do nosso Mercado de Trabalho. As Bibliotecas Públicas, voltadas para a população, são raras. Quando muito, envia-se alguns livros para uma cidade e considera-se "isso" como uma Biblioteca. O déficit de Bibliotecários no Brasil é imenso. Segundo Murilo Bastos Cunha, a relação deveria ser 1 Bibliotecário para cada 200 habitantes, o que resultaria num déficit de 38.000 Bibliotecários em 1982. Faltavam 38.000 Bibliotecários no Brasil, em 1982, para cobrir a relação proposta, segundo artigo "Análise da Oferta de

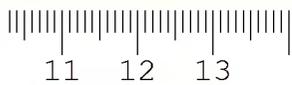
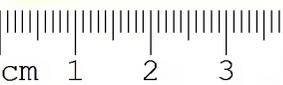


Empregos para bibliotecários em bibliotecas de Brasília”, publicada no Boletim da ABDF de abr./jun. de 1982. Isso, contando que o artigo utiliza-se de dados do CFB que engloba os Bibliotecários registrados e não dos que, efetivamente, trabalhavam no campo. Na pesquisa com as alunas formadas em 1981, 39% das que não trabalhavam como Bibliotecárias estavam registradas no CRB-8 Região. Assim sendo, o déficit é maior.

- Falta da devida importância à Educação é outro fator. Veja-se o salário pago a um professor, seja ele do 1º, 2º ou 3º graus. Sabemos que não existem Bibliotecas na maioria das escolas de 1º e 2º graus. Em São Paulo, por exemplo, existe inclusive, uma lei, a nível Estadual, que exige Biblioteca e Bibliotecário em escolas com mais de 20 classes. No entanto, essa lei não é cumprida. O descaso para com a educação é quase tão grande quanto o descaso para com as Bibliotecas.
- A inferiorização do profissional não pode ser considerada como solução já que as cidades do interior, em sua grande maioria, não contam nem mesmo com Bibliotecas. Não existe, então, a necessidade do profissional. Não há mercado para que o Bibliotecário procure o interior como forma de solucionar seu problema de Mercado de Trabalho. Antes que solução, o interior é um problema. Na medida em que se criem Bibliotecas no interior, na medida em que as comunidades exijam a citação de Bibliotecas, aí sim o

Bibliotecário pode pensar no interior como forma de resolver o problema do seu emprego.

- O modelo educacional, com a criação de inúmeras faculdades, permitindo que muitas delas não tenham o mínimo de condições de funcionamento, passando por cima de vários itens, como a necessidade de uma Biblioteca razoavelmente aparelhada, o nível dos professores, as condições físicas da escola, etc., é um empecilho para o mercado de trabalho de todos os profissionais. A quantidade de formandos, como dissemos anteriormente, aliado a um péssimo nível de ensino, criam expectativas que não serão satisfeitas. Sabemos que o “exército de reserva” que dizia Marx, também está atingindo o profissional qualificado, mantendo a mão de obra barata, o que é peça fundamental da política econômica do governo, como forma de atrair investimentos estrangeiros. Esses investimentos irão melhorar a situação do Balanço de Pagamentos, o que é, hoje, muito mais prioritário do que a situação social da população.
- Outro motivo para a atual situação do mercado, seria a formação do Bibliotecário, o ensino da Biblioteconomia. O nível de ensino é baixo. Além disso, exige-se muito pouco dos alunos. Sabemos que muitos procuram o curso pelo fato de ter ele a duração de 3 anos. Não estão interessados, realmente, na profissão. Basta o certificado de conclusão, o diploma. A situação está melhorando? Não, pelo contrário.



Veja-se o caso da USP/ECA: a partir do momento que o vestibular para Biblioteconomia passa a ser independente do vestibular de Comunicações, a média de pontos para conseguir uma vaga, caiu muito. Outro exemplo: há pouco tempo, na Instituição em que trabalho, abrimos uma vaga para Auxiliar de Biblioteca. Um salário de aproximadamente Cr\$ 140.000,00 por 6 horas diárias de trabalho, atraiu muitos e muitas candidatas. Infelizmente, o nível dos testes de conhecimentos específicos e conhecimentos gerais, foi catastrófico. Ficou explícito, claro e cristalino a situação de ensino da Biblioteconomia.

A preocupação em adequar o curso com o Mercado de Trabalho, praticamente inexistente. Para se ter uma idéia, quando da alteração do currículo mínimo do curso, a APBESP, uma Associação que luta por se transformar em Sindicato, não foi ao menos consultada. Acredito que uma alteração curricular desse porte, deve contar com a participação do aluno, do professor e do profissional. Vamos aguardar os resultados das mudanças que ocorrerão.

- Por último, a falta de discussão sobre os temas de Trabalho, Salário, Condições

de Trabalho, Política Trabalhista, Sindicalização do Funcionário Público, Sindicalização do Bibliotecário, etc.

A literatura sobre o assunto, publicada nas revistas especializadas, quase que todas acadêmicas, é escassa. Como dissemos no início, existe pouco interesse sobre o assunto. Com a falta de informação sobre ele, como ampliar o debate e as discussões? Sem palestras específicas, espaços nos Congressos nas Revistas, como procurar soluções se o tema é desconhecido? A Palavra-Chave, por exemplo, é uma Revista que procura abordar temas como esse, assuntos voltados para o Bibliotecário, enquanto profissional e indivíduo. Como prosseguir sem assinaturas? A APBESP procura se transformar em Sindicato para poder lutar de forma legal e com mais força pelos problemas de salário, mercado e questões trabalhistas. Como fazê-lo sem apoio, sem filiados, sem participação?

Eu espero que os Bibliotecários comecem a se reconhecer como classe, como categoria e que a consciência da necessidade de participação aflore, sem necessidade da técnica do joelhão.

Obrigado.

